



REVELAR OU NÃO REVELAR A INFECÇÃO PELO VÍRUS HIV? IMPLICAÇÕES DA EQUIPE DE SAÚDE FRENTE A ESTA TEMÁTICA NO CONTEXTO HOSPITALAR.

Eixo Horizontal: EH4: EQUIPES DE SAÚDE
Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

CAROLINA GONÇALVES MUNIZ; TEREZA CRISTINA COURY AMIN;

A concepção deste estudo delineou-se a partir da prática profissional em Psicologia Hospitalar ocorrida durante acompanhamentos de casos de internação hospitalar na Enfermaria e no Centro de Terapia Intensiva (CTI) de uma instituição de referência no tratamento de doenças infecciosas, localizada no estado do Rio de Janeiro (RJ). Dentre as várias questões que surgiram durante esta vivência, o estudo tem como objetivo apresentar algumas implicações que o sigilo de diagnóstico solicitado por pacientes portadores do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e/ou da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) suscita para a equipe de saúde responsável pelo cuidado deste paciente que chega à internação hospitalar. Este trabalho foi realizado sob o método de revisão de literatura narrativa, porém, sem haver a pretensão de esgotar as fontes de informação sobre o tema de pesquisa, mas sim provocar reflexões e incentivar a realização de estudos posteriores. A AIDS, causada pela ação do vírus HIV, é uma doença grave que, além de enfraquecer o sistema imunológico, é atravessada por uma série de estigmas, discriminações e preconceitos que atingem diretamente o sujeito, que, muitas vezes, opta pelo sigilo de seu diagnóstico para fins de proteger-se contra estas experiências aversivas, e guiado por outros aspectos subjetivos relacionados à vivência de se descobrir portador do vírus HIV. Por ser uma doença que permite a incidência das chamadas doenças oportunistas (causadas por vírus, fungos, bactérias etc), internações hospitalares podem ser recorrentes para os portadores de HIV/AIDS, ainda mais quando não ocorre a adesão ao tratamento. E, diante da equipe de saúde que se depara com o sigilo de diagnóstico, muitos aspectos subjetivos destes profissionais com relação a esta questão entram em cena. A partir das discussões apresentadas, pode-se perceber que a temática do sigilo enseja dúvidas e angústias pessoais de alguns profissionais de saúde, na maioria das vezes relacionadas à falta de um conhecimento mais aprofundado, bem como à lógica de trabalho ligada à noção de obrigatoriedade do paciente revelar seu diagnóstico, para fins de evitar possíveis novas infecções. Torna-se necessário, portanto, a maior inserção do sigilo entre as profissões voltadas para a assistência em saúde desde a graduação, para fins de contribuir, desde o início da carreira acadêmica, com a disseminação do conhecimento sobre o sigilo e seus desdobramentos, bem como a necessidade de existir discussões dentro do campo da prática de trabalho no hospital, haja vista que esta situação torna-se cada vez mais presente neste ambiente. Afinal, manter o sigilo não se refere apenas à prática de não revelar o diagnóstico HIV positivo do paciente àqueles os quais sigilo é solicitado, mas também implica em uma nova maneira de organizar o trabalho dos profissionais de saúde, sob uma proposta de um cuidado humanizado, para além do modelo biomédico, considerando os aspectos subjetivos do paciente que não deseja revelar sua condição sorológica, sob uma perspectiva de trabalho interdisciplinar que respeite as contribuições que cada profissional da equipe de saúde tenha a oferecer no processo de cuidado ao paciente, garantindo, assim, o respeito a sua autonomia frente ao tratamento.